

Reflexões sobre “A Família e o Idoso”



Alessandra Negrão Elias Martins

Neste estudo apresentamos algumas reflexões surgidas da disciplina “A Família e o Idoso”, ministrada no mestrado em Gerontologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) pela professora Dra. Ruth Gelehrter da Costa Lopes, no segundo semestre de 2014. Foram realizados seminários sobre artigos e vídeos que constavam na programação da disciplina mencionada.

Os subtemas que seguem correspondem a alguns dos textos utilizados, além de uma entrevista, mantidos os títulos originais, selecionados para serem comentados. Possuem, como ponto de partida, os objetivos propostos na disciplina: análise do idoso no contexto familiar, seu papel e os conflitos que decorrem desse contexto. As reflexões serão pontuadas por comentários a esses textos acrescidas das contribuições dos debates que foram realizados.

A velhice na família atual

As famílias, como a sociedade, passam por transformações como maior controle da natalidade, a mulher mais inserida no mercado de trabalho, novas

configurações e arranjos familiares, casamentos tardios, aumento do número de divórcios, entre outras mudanças.

Esses avanços repercutem no processo do envelhecimento, tanto na convivência quanto nos cuidados aos familiares idosos. Conforme Sarti:

A perda do sentido da tradição e o processo de individualização e de atomização do sujeito, processos sociais que caminham juntos, moldaram uma nova configuração familiar, redefinindo o cuidado dos dependentes, ao alterar a geração entre o homem e a mulher e entre as gerações. (SARTI, 2001, p. 92)

Dessa forma, as mudanças nas famílias também repercutem nos cuidados com os filhos e os idosos. O asilo seria uma opção para os cuidados dos idosos, mas essa possibilidade desperta certa relutância, tanto do idoso como dos familiares. Com a realidade de famílias menores e mais ativas no mercado de trabalho, os cuidados dos filhos passaram a ser delegados às escolas e a terceiros, e os cuidados aos idosos passaram para diversas instituições ou, em muitos casos, para um dos filhos ou para cuidadores contratados.

Também se constata a realidade de idosos que são os cuidadores de seus familiares, e ainda responsáveis, com sua aposentadoria, por seus netos e filhos maiores que saem tardiamente de casa, ou retornam dos casamentos mal sucedidos.

Afirma Sarti que “a realidade atual é que as famílias não encontram mais as condições objetivas e subjetivas, necessárias para cuidar adequadamente de seus velhos no âmbito estritamente privado” (SARTI, 2001, p. 94). Indica ainda a autora que a família atual não mais consegue acolher seus idosos e a importância destes serem sujeitos de seus direitos, de suas escolhas, da sua escuta e voz, em como mudar o lugar que ocupam na sociedade, e exemplifica como vários idosos estão no desempenho do papel de mudar a concepção social da velhice.

A família contemporânea: novos pais, novos filhos

Como será a família atual? Em entrevista ao Programa Café Filosófico, exibido pela TV Cultura (2001), os psicanalistas Mário e Diana Corso trouxeram ao debate filmes e seriados de TV que refletem a evolução familiar.

À pergunta: quem são os novos pais e quem são as novas mães, os debatedores respondem que são distintos de hierarquia e tradição, com a mulher que sai de casa para trabalhar, tem culpa em deixar seus filhos, porém no tempo que está com os mesmos está muito mais próxima deles do que as mães, de gerações anteriores, que tinham muitos filhos.

Pontuam o empoderamento feminino no espaço doméstico e o pai como coadjuvante desse universo, mais presente e participativo, um pai que troca

fraldas como o “*Sherk*”, no filme. Mencionam o exemplo de família atual que, mesmo fragmentada, mantém seus membros juntos, diferente das gerações anteriores que detinham a sabedoria, eram firmes e pontuais. Ilustraram seus comentários com o seriado “*Simpsons*” no qual se vê a fragilidade nas decisões e na imagem dos pais.

A partir dessa entrevista fica a questão: como estão os novos pais e as novas mães ante o envelhecimento de seus pais ou do seu próprio envelhecimento? Pensando no envelhecimento como um processo, com “perdas e ganhos” (LUFT, 2013), como em qualquer fase da vida, a família poderá ser fonte de contribuição. Mas será que sempre deve ser o principal alicerce? Será que ela própria se sustenta ou tem condições para colaborar? A família está preparada para o seu próprio envelhecer?

Com o debate mencionado neste tópico ficam as perguntas: com todas as mudanças, até onde a família é responsável, ou deve ser, pelo suporte de cuidados aos seus idosos? A sociedade, o Estado, as Políticas Públicas estão preparados para o envelhecer de sua população?

A família como ordem simbólica

Sarti (2004) destaca a tendência atual nas políticas sociais, em especial as políticas de saúde, que consideram a família e não o indivíduo como uma “unidade de atendimento”, não levando em consideração as implicações que essa estratégia possa resultar. No contexto familiar, enfatiza a importância das políticas sociais atentarem ao “mundo de relações, em todo seu emaranhado de situações e ponto de vista” que isso implica, e os problemas quando isso não é considerado. Aborda família como “algo que se define por uma história que se conta aos indivíduos desde que nascem, ao longo do tempo, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será, por eles, reproduzida e ressignificada, à sua maneira, dado os distintos lugares e momentos dos indivíduos na família” (SARTI, 2004, pp.12- 13).

A autora demonstra que mesmo a família sendo vista em um contexto social, é relevante que cada indivíduo seja considerado também em sua particularidade. Enfatiza a tendência dos profissionais relacionarem sua própria família a sua atuação prática, o que dificulta o desenvolvimento de uma visão peculiar ao indivíduo que é atendido.

Sarti (2004) ressalta ainda a resistência que ocorre face às mudanças nas famílias, e como os modelos são pré-concebidos, apenas segundo as leis da natureza, nesse sentido questiona:

[...] como romper esses modelos sociais internalizados e como escutar os discursos das próprias famílias sobre si, nessa permanente tensão entre a singularidade de cada um e as referências sociais que não podemos escapar? (SARTI, 2004, p.16)

Ao relacionar esse texto com o envelhecimento, refletimos sobre como cada idoso tem a sua história que é própria e única, seu contexto familiar e todas as relações decorrentes. Nesse sentido, a relevância do profissional que trabalha com famílias não ter um olhar pessoal, mas sim amplo e aberto à realidade de cada família e atento a cada idoso inserido.

“Medo de envelhecer ou de parecer?”

Com este título, Concone (2007) trava um diálogo com o leitor sobre a questão do pertencimento no envelhecimento, e indica que para muitos o “*velho é o outro*”, e a dificuldade em compartilhar espaços que são de todos.

A autora, ao analisar o que tanto incomoda as pessoas na convivência com idosos, e ao trocar ideia com uma gerontóloga, chega a conclusão que é o “*medo da morte*”. Constata que a presença do idoso nos espaços coletivos sinaliza a passagem do tempo, a fragilidade e a finitude para nós próprios.

Com relação à passagem do tempo, a autora menciona o Cronos, como o contado pelos aniversários, que todos percebem com clareza, e o Kairós como tempo interno de cada um, pontuando o descompasso entre os tempos interno e externo.

Reforça a ideia de como a velhice vem associada a noções de doença, perda de autonomia, dependência dos outros, como ligada mais a fatores biológicos, do que a uma construção social. Constata que há um temor, um medo em ficar velho, como se velhice fosse sinônimo de perdas físicas, psíquicas, sociais, afetivas. Destaca a contribuição da Gerontologia para uma “construção social”, cultural e histórica do envelhecimento e mudança dessa visão.

Concone (2007) no “*medo de parecer*” enfatiza o intenso “*culto à juventude*” na cultura da sociedade contemporânea, como se a identidade do idoso passasse pelo cunho do narcisismo e do individualismo, com um esforço incomum em “*retardar o envelhecimento*”, e a busca do envelhecimento saudável fosse representado por obrigação e contradição. Reconhece que a velhice adere a modelos pré-existentes e a falta de modelos alternativos restringem esses caminhos.

Com relação às mudanças ocorridas, a autora enfatiza que “*a geração idosa de hoje é diferente daquela que a precedeu*”. Atenta sobre a importância na velhice da mudança de prioridades e interesses, investindo em novas capacidades, como uma continuidade e tempo vistos com positividade.

O texto ressalta a visão negativa que a sociedade contemporânea atribui ao envelhecimento e a busca incansável por procrastinar esse tempo, reforçando a importância da aceitação da velhice, a ser vista sob outro parâmetro que seja prospectivo e em constante evolução.

Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações

O que mobiliza ser avó? Como pensar o que isso representa e quais reflexões geram? Sobre o tema *avosidade*, Goldfarb e Lopes (2011, s/p) esclarecem:

[...] o que acontece aqui e agora, em uma família determinada, inserida em uma dada cultura vai depender do que foi transmitido de geração em geração: o legado psíquico que cada criança dessa família recebe ao nascer e sobre o qual vai estruturar sua vida psíquica.

As autoras destacam na constituição do ser humano a implicação psíquica e a necessidade do outro para a transmissão do legado geracional, onde cada sujeito escreve sua própria história.

Ressaltam a importância da função materna na formação psíquica: “trata-se de uma espécie de capital fixo, um ancoradouro, uma herança sobre o qual vai se organizar grande parte do espaço psíquico da criança”. Enfatizam na função paterna o discurso social a que ele mesmo se submete, tendo como função a introdução da cultura, normas, valores e limites. Mencionam o paradoxo fundamental existente no conflito geracional “a família tem como objetivo construir laços fortes e vínculos duradouros ao mesmo tempo em que deve promover a independência e autonomia de seus membros”.

Com relação a intergeracionalidade, as autoras pontuam o cotidiano familiar dos jovens que organizam suas vidas sociais com pessoas da mesma idade, voltados ao trabalho ou estudos, enquanto seus familiares de mais idade possuem uma vida social com mais limitações, como se sempre estivessem à espera da visita dos mais jovens.

Goldfarb e Lopes (2011) pontuam ainda que na sociedade contemporânea a “retirada de investimentos na fase da velhice, o que faz com que os idosos tenham sentimentos de desamparo, abandono, solidão, depressão que podem desencadear “processos de perdas cognitivas”.

A toda essa realidade as autoras acrescentam o agravo da situação econômica e financeira, com a inversão das situações na qual os filhos passam a sustentar seus pais, para pais idosos que continuam no sustento dos seus lares, com escassos recursos e como agravantes deste contexto: a inexistência de redes de apoio, que geram “*tensões e conflitos*”. Destacam ainda que:

- a longevidade permite a existência de várias gerações em uma mesma família, temos hoje mais avós há mais tempo nesse papel; bem ou mal, satisfatória ou conflitiva, independente da função materna ou paterna da qual deriva;
- pode manifestar conflitos familiares; é frequente ver netos cuidadores e netos mediadores de conflitos familiares, e o sentimento de abandono dos avós quando os netos chegam à adolescência ou juventude;

- temos diversas formas de *avosidades* e diversos fatores que a desencadeiam (gênero, psicológicos, história familiar, cultura, relação familiar); não é uma tarefa tão tranquila quanto é visto pela sociedade a ideia associada de velho ou de alguém que não tenha sentimentos contraditórios;
- “*na vozice o sujeito lida com emoções relacionadas a si mesmo; ao que foi, ao que queria ser e, à pessoa que foi parte de si mesmo*”.

Apontam a dificuldade de definir família, e esclarecem que para nossa cultura simboliza as identificações, sentimentos e conflitos e que o núcleo familiar é responsável pelos cuidados do cotidiano.

Relatam a dificuldade existente quanto aos cuidados do idoso na família, em especial o idoso com demência, destacando a função do cuidador que é, em geral, feminina. Descrevem a dificuldade existente para diagnosticar a demência e em como muitas vezes a família se nega a procurar auxílio médico ou a aceitar o diagnóstico.

Reforçam a importância de ter um diagnóstico precoce por equipe multidisciplinar na fase dos primeiros sintomas de demência, angústias ou alterações comportamentais. Ressaltam que quando a família percebe a seriedade da questão, começa uma segunda etapa que é a procura por diagnóstico, na busca por soluções de um quadro irreversível com sentimentos por parte da família de “desespero, frustração e culpa”.

No texto foram destacadas as repercussões positivas, negativas e conflitivas que a função *avosidade* possibilita desencadear. Com relação à família, as autoras destacaram também a amplitude desse conceito e como reage face aos cuidados do idoso com demência.

Ficam como reflexões: as implicações de uma função – a avosidade - que vem sendo vivenciada por mais tempo; e a relação com o idoso acometido por demência, momento de acompanhamento desta família nos cuidados, e acesso às informações relevantes a esse contexto.

O idoso e a sociedade moderna: desafios da gerontologia

Conforme Rifiotis (2005, p. 138), a Gerontologia como ciência crítica sobre a velhice e o envelhecimento enfrenta dilemas e desafios teóricos e éticos, e que se reflete nos desafios aos pesquisadores, profissionais da área da saúde e políticas públicas. O autor sintetiza quatro principais eixos desafiadores à Gerontologia:

- 1- o desafio ético da minoridade;
- 2- o desafio teórico – ideológico;
- 3- o desafio da indignação e
- 4- o desafio da rerritualização vital

Com relação ao “desafio ético da minoridade”, o autor indica que o idoso é visto socialmente como vítima e excluído e questiona se teríamos avançado sobre esse olhar. Ressalta como desafios o lugar da “*gerontologia dialógica*”, a visão

atual do idoso e as diversas velhices, a escuta e voz ao idoso, a postura dos cuidadores e em como instrumentalizá-los para o desenvolvimento da profissão.

No desafio “teórico–ideológico” o autor destaca a velhice vista de forma coletiva, sem uma identidade social, sem que o idoso seja visto em sua individualidade (RIFIOTIS, 2005, p.140).

O terceiro desafio é o da “indignação”, em que aborda a violência aos idosos e a constatação que, em muitos casos, os familiares são os responsáveis, e a busca por ajuda por parte dos idosos não é pela punição, mas sim por um “reordenamento das relações familiares” (RIOFITIS, 2005, p. 144).

O último desafio seria a “rerritualização” vital, “associada ao crescimento da longevidade”, como forma de reordenamento do ciclo vital e desafios fundamentais à sociedade contemporânea.

O texto faz refletir os desafios da Gerontologia ao abordar as “*velhices e a velhice de cada um*”, e como podem ser trabalhados com enfoque mais amplo, como no Mestrado da PUC-SP, que tem como área de concentração a Gerontologia Social. Conforme Fonseca (2013) é “um campo de estudos interdisciplinar que faz do processo de *envelhecimento e, mais especificamente da velhice, o seu objeto de investigação*”. Ela acrescenta:

[...] envelhecer do ponto de vista biológico, é um fenômeno que afeta todos os seres, mas do ponto de vista sociocultural e subjetivo ele é marcado pela diversidade e singularidade. (FONSECA, 2013)

Ressalta a necessidade dos desafios serem trabalhados de forma ampla, sistêmica e na particularidade de cada idoso.

Considerações finais

As transformações sociais e familiares repercutem no processo do envelhecimento e nos cuidados e convivência com os idosos. Os “*novos pais*” são mais participativos e as “*novas mães*” conquistaram o mercado de trabalho, as famílias são menos numerosas. Nesse universo da família contemporânea questiona-se o suporte face ao envelhecimento dos seus integrantes e até a preparação para o próprio envelhecimento dessas famílias.

Faz-se necessário que as políticas públicas sociais considerem no atendimento das famílias o “*mundo de relações*” e, em especial, com relação ao lugar do idoso no contexto familiar, social, considerando também sua individualidade.

O envelhecimento visto como fase natural da vida e a longevidade são desafios e conquistas da sociedade contemporânea, incluindo o “ser avó” que implica em reflexões e mudanças, experimentadas no exercício desse papel social.

A Gerontologia Social enfrenta desafios na construção de nova visão do envelhecimento a ser considerado, simultaneamente, um processo social, individual e singular.

Referências

CORSO, Mário e Diana. A família contemporânea (2011). Disponível em <http://www.cpfcultura.com.br/wp/?aovivo=a-familia-contemporanea-em-cena-novos-pais-novos-filhos-%E2%80%93-mario-corso-e-diana-lichtenstein-corso>, acessado em 29/11/2014.

CONCONE, Maria Helena Vilas Bôas Concone. Medo de envelhecer ou de parecer? *Revista Kairós*, São Paulo (2), dez. 2007, pp.19-44.

FONSECA, Suzana C. Entrevista à ROCHA, Guilherme Salgado (2013). Disponível no www.portaldoenvelhecimento.com, acessado em 01/12/2014.

GOLDFARB, Délia C; LOPES, Ruth G. da Costa Lopes. Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. Publicação original In *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Freitas, E. V. et all. 2011. Ger. Ações Pesquisas e Ações em Gerontologia. Disponível em: http://geracoes.org.br/novo_site/avosidade-a-familia-e-a-transmissao-psiquica-entre-geracoes-2/, postado em 14/08/2013; acessado em 05/05/2015.

LUFT, Lya. *Perdas e Ganhos*. 36ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2012.

RIFIOTIS, Theophilos. O idoso e a sociedade moderna: desafios da gerontologia. Conferência proferida na *VII Jornada de Inverno da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. Porto Alegre, 2005.

SARTI, Cyntia Andersen. A velhice na família atual. *Acta Paul Enferm*, v. 14, n2, p.91-96, Biblioteca J Baeta Vianna – Campos Saúde, UFMG, 2001.

_____. *A família como ordem simbólica*. *Psicologia, USP*, 15(3), 11-18, 2004.

Data de recebimento: 11/02/2015; Data de aceite: 10/04/2015.

Alessandra Negrão Elias Martins – Advogada, Especialista em Direito Civil e Processual Civil, Mestranda em Gerontologia Social na Pontifícia Universidade de São Paulo, PUC/SP, conciliadora e mediadora de conflitos. Email: alenemartins@gmail.com